

Sarney ainda estuda mudança na equipe

Sem uma definição quanto aos nomes que vão compor o seu Ministério, com as vagas decorrentes das demissões de Renato Archer e Luiz Henrique e da morte de José Hugo Castelo Branco, o presidente Sarney continua, neste fim de semana, a analisar a questão, em seu retiro do Pericumã. Ontem, toda a manhã foi ocupada em um longo encontro com o ministro Íris Rezende, convocado por Sarney para discutir a possibilidade de sua ida para o Governo do Distrito Federal.

O porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique, disse, ontem, que o anúncio dos novos nomes está previsto para amanhã, mas poderá ocorrer um breve adiamento em função das articulações que estão sendo desenroladas. Com

a decisão de manter Íris na Agricultura, o Presidente tem, ainda, a necessidade de indicar o sucessor do governador José Aparecido, uma questão delicada diante das pressões desencadeadas a favor de alguns candidatos e da exigência de aprovação, pelo Senado, do nome escolhido.

Nomes na pauta

Para o Ministério da Indústria e do Comércio, o mais visado dentre os que estão vagos, três nomes surgem como prováveis: os deputados Roberto Cardoso Alves (SP), Milton Reis (MG) e Ricardo Fiúza (PE). Uma corrente ligada a São Paulo, entretanto, reivindica o cargo para um empresário que seja desvinculado de qualquer atividade de partidária. Como José Hugo fa-

zia parte de cota de Newton Cardoso, o governador mineiro insiste na escolha de um outro conterrâneo e, nesse caso, Milton Reis teria suas chances aumentadas. Como alternativa, o presidente Sarney ainda pode manter o interino Rico Vicente.

O Ministério da Reforma Agrária, por suas complexidades naturais, está reservado para um político com trânsito livre na difícil área. Com boas possibilidades está o senador Odacir Soares, de Rondônia. O Presidente decidiu pela manutenção do Mirad até que possa concluir o programa traçado pelo seu Governo para o assentamento de colonos, de acordo com a meta prevista. Outro senador, Edson Lobão (PFL-MA), amigo de Sarney,

está sendo dado como provável, mas tem menores possibilidades. Para a pasta da Ciência e Tecnologia, atualmente acumulado interinamente por Rico Vicente, a escolha deve obedecer a critérios específicos. O novo ministro terá de ser afinado com a política de Sarney para o setor, eliminando-se, com isso, a eventualidade de atritos relacionados com a polêmica reserva de mercado adotada pelo Brasil e em processo de revisão.

Apesar das pressões que vem sofrendo, Sarney deverá mesmo optar por um nome mineiro para o Ministério da Indústria e do Comércio ou compensar, de outra forma, a lealdade do governador Newton Cardoso.

D. Marly vigia lealdade ao Presidente

Aylê-Salassie

Quando o ministro Renato Archer divulgou um documento no Congresso, mostrando que a Previdência Social tinha condições de absorver os novos encargos constitucionais, contrariando acertos prévios feitos com o presidente Sarney, ele foi acusado pelo ministro Antônio Carlos Magalhães de «deslealdade» com o Presidente.

O ministro das Comunicações, amigo íntimo do Presidente, apenas corroborava o que d. Marly Sarney, a primeira-dama, esposa dedicada e que exerce na família um poder matriarcal indiscutível, já vinha apontando ao presidente Sarney há muito tempo.

Desde o primeiro Ministério, aquele ainda formado por Tancredo Neves. d. Marly vem chaman-

do a atenção do Presidente para os cuidados que ele deve ter com os seus assessores. Do ponto de vista dos amigos mais íntimos da família, d. Marly parece que tinha razão: o tempo terminou deixando transparecer que vários ministros de Estado foram afastados do Governo por causa dessa chamada «deslealdade» com o Presidente.

Lista

A lista dos desleais, de acordo com estes mesmos amigos do Presidente, não é pequena. Cita, além de Renato Archer, também Fernando Lira, que foi ministro da Justiça; Pedro Simon, da Agricultura; Roberto Gusmão, da Indústria e Comércio; Roberto Santos, da Saúde; Dante de Oliveira, da Reforma Agrária; Marco Maciel, do Gabinete Civil; Jorge Bornhausen, da Educação; Aníbal Teixeira, do Planejamento; Dil-

son Funaro, da Fazenda; Luís Carlos Bresser Pereira, da Fazenda; Affonso Camargo, dos Transportes, e Raphael de Almeida Magalhães, da Previdência Social. No segundo escalão do Governo, a lista é também longa.

Todos foram substituídos não apenas por causa dos acordos interpartidários, mas porque no Alvorada, vigilante, d. Marly acompanhava o esforço de Sarney para manter a coesão governamental. Ela é o confessor do Presidente. É ela, também quem mantém a família unida. Não foi diferente na separação do genro e secretário particular, Jorge Murad, de sua filha Roseana. D. Marly, por quem Murad tem o maior respeito, nutre também pelo ex-genro uma profunda admiração. De tal forma que, mesmo separado de Roseana, Murad morou muito tempo com a família no Palácio da Alvorada. Roseana foi

quem saiu.

Por estas e outras razões, o Presidente escolheu o sítio do Pericumã para fazer mais uma de suas reformas ministeriais. O presidente, segundo disse o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Henrique Santos, mostrava-se muito aborrecido na sexta-feira com a pressão dos «lobbies», no processo de auscultação para definição dos novos ministros, nas conversas aqui no centro do poder do Estado.

Assim, por este caminho faltando um ano para o término do Governo e ressentido das experiências vividas o presidente recolheu-se ao Pericumã para submeter os nomes que tem em mente a d. Marly. Ela certamente dará a última palavra, e não mais o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, ou os líderes do PFL, José Lourenço e Marcondes Gadelha.